

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES GESTANTES AFETADAS POR SÍFILIS NO PERÍODO DE 2014 A 2023 NO ESTADO DE SERGIPE.

XV Congresso Sergipano de Ginecologia e Obstetrícia, 1ª edição, de 12/09/2024 a 14/09/2024
ISBN dos Anais: 978-65-5465-122-6

COSTA; Rebeca Bastos Bacelar da¹, LIMA; Natália de Góes Lima², LEAL; José Davi Guilhermino Andrade³

RESUMO

Introdução A Sífilis é uma doença infecto contagiosa, com transmissão predominantemente sexual, causada pela bactéria *Treponema Pallidum*, sendo considerada uma IST (infecção sexualmente transmissível). A Sífilis permanece como um significativo problema de saúde pública, especialmente em gestantes, em diversos estados do Brasil, incluindo Sergipe. A manifestação clínica da doença é variável e está associada ao estágio em que se encontra, podendo ser classificada em Sífilis primária, secundária, terciária e ainda em latente, ou seja, fase assintomática. Embora a Sífilis tenha transmissão predominante sexual, a infecção também ocorre verticalmente durante a gestação da mãe para o feto, resultando em Sífilis congênita. Esse cenário está associado a diversas complicações, como aborto espontâneo, natimorto, prematuridade, baixo peso ao nascer e malformações congênitas. Dessa forma, ressalta-se a importância de seguir corretamente o pré-natal, visto que o início tardio do acompanhamento, um menor número de consultas realizadas, além da falta de registros das sorologias reagentes no cartão da gestante contribuem para a transmissão vertical da Sífilis. No Brasil, apesar dos avanços no diagnóstico, no tratamento e nas políticas de pré-natal, a prevalência da infecção por Sífilis entre gestantes tem estado alta na última década. O estado de Sergipe é uma das áreas em que a incidência permanece elevada. Foram registrados 6.070 casos de Sífilis no período de 2014 a 2023, destacando, assim, a necessidade de intensificar a responsabilidade das instituições de saúde de notificar todos os casos no Sistema Nacional de agravos de Notificação (SINAN), além da ampliação da cobertura pré-natal, com o objetivo tanto de diagnosticar precocemente, bem como garantir o tratamento e acompanhamento adequado da gestante e do parceiro em caso de reagentes. Sendo assim, conhecer o perfil epidemiológico das gestantes com Sífilis em Sergipe é fundamental para o desenvolvimento de estratégias de saúde pública que possam efetivamente reduzir a incidência da doença e suas consequências. Dessa forma, o presente estudo visa analisar o perfil desses pacientes, explorando aspectos como faixa etária, escolaridade, cor, acompanhamento do pré-natal e esquema de tratamento adequado. A compreensão desses fatores pode contribuir para o direcionamento das ações públicas mais eficazes, objetivando a melhora dos desfechos materno-infantis no estado de Sergipe.

Objetivo Realizar uma análise do perfil epidemiológico das pacientes gestantes acometidas por Sífilis no período de 2014 a 2023 no estado de Sergipe.

Metodologia Trata-se de um estudo ecológico de série temporal, uma abordagem que permite a análise das variações temporais em populações específicas ao longo de um período determinado. Os dados foram coletados no Sistema de Informação em Saúde disponível no Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde. (DataSUS). O período analisado compreendeu os anos de 2014 a 2023, permitindo uma visão ampla das tendências temporais e variações no perfil epidemiológico das gestantes com Sífilis. Assim, torna-se possível uma análise mais concisa e diversificada para estabelecer as estratégias de implantação das políticas públicas.

As variáveis incluídas no estudo foram a faixa etária, escolaridade, cor, acompanhamento adequado ao pré-natal e esquema de tratamento. Quanto ao aspecto da faixa etária, foram incluídas

¹ Universidade Tiradentes, rebecabbcosta03@gmail.com

² Universidade Tiradentes, natalia.goes@souunit.com.br

³ Universidade Tiradentes, jose.guilhermino@souunit.com.br

mulheres gestantes do período de 20 a 49 anos residentes em Sergipe, e quanto a cor, foi levado em conta os dados disponibilizados na plataforma DataSUS acerca da autodeclaração. Já em relação à escolaridade, foram analisadas mulheres gestantes nos períodos do ensino fundamental à educação superior completa. Ademais, acerca do acompanhamento ao pré-natal, foi levado em consideração se houve a realização do pré-natal ou não e se o esquema de tratamento foi realizado adequadamente, classificando-o como adequado, inadequado, não realizado ou ignorado. Os dados foram retirados da plataforma do DataSUS e organizados para análise. Durante a coleta, as tabelas relevantes foram importadas para um software de análise estatística, no qual passaram por processos de reorganização e transformação necessários. A análise de dados utilizou técnicas estatísticas descritivas e inferenciais. Inicialmente, foi determinado o número total de gestantes diagnosticadas com Sífilis em cada ano e em cada município de Sergipe. Em seguida, avaliou-se a faixa etária do grupo, grau de escolaridade, cor e em qual momento ocorreu o diagnóstico. Posteriormente, foram analisados os esquemas de tratamento materno quanto a sua adequação. Devido ao caráter observacional do estudo e o uso de informações de domínio público, não foi necessário submeter o estudo à apreciação ética. Contudo, todas as diretrizes éticas foram rigorosamente seguidas para assegurar a privacidade e a confidencialidade das informações, em conformidade com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

Resultado/Discussão A Sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST) que, se não tratada adequadamente durante a gestação, pode levar a complicações graves, como abortos espontâneos, natimortos e Sífilis congênita. A Sífilis congênita é uma preocupação significativa, pois pode causar malformações, deficiência auditiva, visual, problemas neurológicos e até a morte do recém-nascido, sendo assim a transmissão vertical é um dos principais desafios para a saúde pública no controle da Sífilis em gestantes. A Sífilis em gestantes é um problema crescente no Brasil e, em especial, em estados do Nordeste, como é o caso de Sergipe. Durante o período de 2014 a 2023, foram notificados 6.070 casos de Sífilis materna em Sergipe. Os dados indicam uma tendência de aumento ao longo dos anos, com um aumento exponencial a partir de 2017. Esse aumento pode estar relacionado à maior testagem e notificação dos casos, mas também ao aumento real da transmissão da doença devido a desinformação, menos utilização de preservativos, redução da utilização da penicilina benzatina na APS e desabastecimento do fármaco. Em 2014, ponto de partida para a análise, foram notificados 303 casos. Aracaju apresentou 135 casos confirmados de Sífilis em gestantes, o maior número registrado no estado. Na segunda posição veio Estância com 33 casos e em seguida, Itabaiana com 27 casos, enquanto Lagarto e Nossa Senhora da Glória tiveram 12 e 23 casos, respectivamente. A cidade de Nossa Senhora do Socorro registrou 46 casos e Propriá, 27 casos de gestantes com Sífilis. A distribuição sugere que os grandes centros urbanos, especialmente Aracaju, têm uma maior concentração de casos, o que pode estar associado à maior densidade populacional e às condições socioeconômicas. Em 2015, Aracaju manteve-se com o maior número de casos, possuindo 138 casos, seguido de Estância com 66 casos e Nossa Senhora do Socorro tendo 55 casos. Nota-se uma leve redução em Aracaju e um aumento em Estância. Lagarto e Nossa Senhora da Glória tiveram 24 e 28 casos, respectivamente. Esse ano mostra um leve crescimento na região sul do estado, particularmente em Estância. Ao total, Sergipe obteve um total de 342 casos, um aumento de 39 gestantes com Sífilis a mais. No ano seguinte, 2016, foi registrado uma queda dos casos, totalizando 305 casos no Estado. Houve uma queda nos casos em Aracaju (102 casos) e uma estabilidade em Estância (56 casos) e Nossa Senhora do Socorro (60 casos). Lagarto e Nossa Senhora da Glória registraram 16 e 24 casos, respectivamente. Entretanto, no ano de 2017, o número total de casos subiu para 445. Aracaju teve um aumento para 175 casos, com Estância (65 casos) e Nossa Senhora do Socorro (106 casos) também apresentando elevações. Itabaiana e Lagarto registraram 25 e 33 casos,

¹ Universidade Tiradentes, rebecabbcosta03@gmail.com

² Universidade Tiradentes, natalia.goes@souunit.com.br

³ Universidade Tiradentes, jose.guilhermino@souunit.com.br

respectivamente. A partir desse ano Sergipe entrou num aumento exponencial de casos de gestantes com Sífilis, visto que no ano de 2018 o Estado notificou um total de 653 casos mais de 200 casos a mais que o ano anterior, o maior aumento foi em Aracaju que registrou 335 casos, enquanto Estância (85 casos) e Nossa Senhora do Socorro (106 casos) também tiveram números elevados. Em 2019, o total de casos foi de 742. Aracaju registrou 431 casos, consolidando-se como o epicentro da epidemia em Sergipe. Estância (81 casos), Itabaiana (31 casos) e Lagarto (38 casos) apresentaram números mais baixos, mas constantes. As altas taxas em Aracaju podem estar correlacionadas com fatores urbanos como a desigualdade social e a maior densidade demográfica. No ano de 2020, Aracaju teve 482 casos, enquanto Estância registrou 128, o maior número até então nesta cidade, enquanto que Lagarto apresentou mais 30 casos do que no ano anterior, totalizando 68 casos. Ainda que estivéssemos enfrentando a pandemia da COVID-19, com isolamento social e reduzido acesso aos serviços de saúde, os casos de gestantes com Sífilis continuaram a crescer, chegando ao número de 864 casos neste ano. Entretanto, o número de casos podem ser ainda maiores visto que o acesso ao pré-natal e ao diagnóstico podem ter sido afetados. O ano de 2021 registrou um total de 918 casos. Aracaju apresentou 478 casos, uma leve queda em comparação ao ano anterior. Estância e Nossa Senhora do Socorro registraram 111 e 116 casos, respectivamente. Essa leve redução pode refletir uma retomada gradual dos serviços de saúde, embora a pandemia ainda tenha impactado o acesso e o acompanhamento de gestantes. O maior pico de casos foi registrado em 2022 que, em comparação com 2014, o número de notificações praticamente triplicou, chegando a 993 casos ao total. Aracaju registrou 494 casos, o maior número até então. Nossa Senhora do Socorro e Estância mantiveram altos números (120 e 103, respectivamente). Lagarto e Itabaiana também registraram aumentos. Este padrão sugere uma persistência da transmissão da Sífilis entre as gestantes, com os esforços de controle sendo insuficientes para reduzir significativamente os casos. Apenas em 2023 a crescente veio a reduzir drasticamente visto que Sergipe apresentou 498 casos. Entretanto, os dados de 2023 ainda podem estar incompletos. É importante observar que essa queda não necessariamente indica uma melhora substancial, mas pode refletir variações na coleta ou notificação de dados. Aracaju teve 248 casos, embora as demais cidades tenham mantido números consistentes com anos anteriores. Nossa Senhora do Socorro registrou 64 casos, enquanto Estância teve 55. A redução em Aracaju pode ser sinal de melhora nas ações de controle, mas a manutenção dos números em outras cidades indica que a Sífilis ainda representa um desafio significativo para a saúde pública. Os dados regionais mostraram que a capital, Aracaju, concentrou a maior parte das notificações, com 3.023 casos durante o período, o que representa quase 50% do total do estado. Outras regiões que também tiveram um número significativo de casos foram Estância e Nossa Senhora do Socorro, que notificaram, respectivamente, 785 e 846 casos. As regiões com menor número de notificações, como Itabaiana (370 casos ao total) e Propriá (275 casos ao total), ainda assim mostraram um aumento consistente ao longo dos anos. O perfil epidemiológico das gestantes com Sífilis em Sergipe entre 2014 a 2023, indica uma predominância de casos entre jovens adultas (20 a 39 anos) apresentando 4.463 mulheres, sendo 73,5% dos casos, 4.555 mulheres autodeclaradas pardas sendo 75% dos casos, e aquelas que frequentaram do 5^a a 8^a série incompleta do Ensino Fundamental com o maior índice de 1.734 mulheres (28,6% casos). Acerca da escolaridade das gestantes com Sífilis é necessário relatar que há uma imprecisão de resultados visto que 1.087 dos casos (17,9%) tiveram a escolaridade ignorada ou deixada em branco. Esses fatores podem estar relacionados a questões de vulnerabilidade social e acesso aos serviços de saúde, destacando a necessidade de políticas públicas focadas em educação, prevenção e tratamento, especialmente para os grupos mais afetados. Além disso, quanto ao acompanhamento do pré-natal, foi constatado que predominaram as pacientes reagentes positivas que evoluíram para

¹ Universidade Tiradentes, rebecabbcosta03@gmail.com

² Universidade Tiradentes, natalia.goes@souunit.com.br

³ Universidade Tiradentes, jose.guilhermino@souunit.com.br

a transmissão vertical e, consequentemente, para a Sífilis congênita, as que realizaram adequadamente o pré-natal. Por outro lado, os casos de gestantes que não seguiram corretamente o esquema de tratamento, incluindo o não tratamento do parceiro, o qual é recomendado, foi prevalente, com maior número de casos no ano de 2022, registrando ao total 512 casos. **Conclusão** Portanto, a Sífilis em gestantes em Sergipe apresentou um aumento significativo entre 2014 e 2023, com 6.070 casos notificados, sendo a maioria concentrada em Aracaju. O perfil das gestantes afetadas inclui predominantemente mulheres jovens (20-39 anos), pardas, com baixa escolaridade e que não aderiram corretamente ao esquema de tratamento. Esse aumento está relacionado a fatores como maior testagem, desinformação e dificuldades no acesso ao tratamento adequado, especialmente durante a pandemia de COVID-19. Apesar de uma redução nos casos em 2023, a Sífilis ainda representa um grande desafio para a saúde pública, exigindo intervenções urgentes focadas na prevenção, educação e tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: Sífilis, Gestantes, Sífilis congênita, Análise Epidemiológica, Pacientes